



Carla Beatriz Diforene Vaz é professora de Língua Portuguesa na rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul e assistente social na APAE. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa) e em Serviço Social pela Universidade Anhangüera, é especialista em Supervisão e Orientação Escolar pela UERGS e mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Línguas da Unipampa, campus Bagé, sob orientação da professora doutora Carolina Fernandes. Como professora-pesquisadora, atua na articulação entre ensino, linguagem e subjetivação, com base na Análise do Discurso de vertente materialista. Este livro, *Quando palavras são espelhos*, integra sua pesquisa e emstrado e reflete sua escuta sensível às vozes dos alunos e seu compromisso com uma educação crítica, afetiva e transformadora.

Quando palavras são espelhos reúne textos produzidos por alunos do oitavo ano do ensino fundamental, que, ao escreverem memórias, testemunhos e autobiografias, exploram experiências, sentimentos e identidades em formação - e nos convidam à leitura atenta de quem se constitui, corajosamente, pelo dizer.

Esta obra é fruto de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Línguas (PPGEL) da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus Bagé. O PPGEL tem como proposta o fortalecimento da formação de professores-pesquisadores, promovendo investigações que dialogam com os desafios cotidianos do ensino de línguas em contextos escolares diversos, especialmente na educação pública.

Acesse outros produtos do Mestrado Profissional em Ensino de Línguas no site: <https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgel/>



Esse livro foi impresso com recursos do Programa PROEXT-PG financiado pela CAPES

Quando palavras são espelhos ■ CARLA BEATRIZ DIFORENE VAZ

Quando palavras são espelhos



Escritas de si: memórias, testemunhos e autobiografias de quem se constitui no dizer

CARLA BEATRIZ DIFORENE VAZ

Quem escreve a própria história aprende a escutar o que a linguagem diz de si.

Este livro é tecido por gestos de escrita em que sujeitos do ensino fundamental se arriscam a dizer de si, atravessados por memórias, afetos, silêncios e marcas da história. São escritas que não cabem em uma imagem, pois revelam aquilo que pulsa no não dito: dor, saudade, humor, ternura, resistência - tudo junto, como é o sujeito em sua complexidade.

Aqui, as palavras não partem de um lugar neutro. Cada texto nasce da relação com a linguagem, com o outro e com as condições materiais e simbólicas de produção do discurso. São sentidos produzidos a partir de uma escuta de si mesmo e do mundo, em que cada escrita é também um gesto de interpretação.

Porque quem escreve sobre si nunca escreve apenas sobre si; escreve desde onde vive, desde o que o atravessa - e, sobretudo, desde o desejo de significar-se no tempo.

Escrever sobre si é resistir - ao apagamento, ao silêncio, à exclusão.

Quando palavras
são espelhos

*Escritas de si: memórias, testemunhos
e autobiografias de quem se constitui no
dizer*

Quando palavras
são espelhos

*Escritas de si: memórias, testemunhos
e autobiografias de quem se constitui no
dizer*

CARLA BEATRIZ DIFORENE VAZ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vaz, Carla Beatriz Diforene

Quando palavras são espelhos : escritas de si :
memórias, testemunhos e autobiografias de quem se
constituí no dizer / Carla Beatriz Diforene Vaz. --
1. ed. -- Bagé, RS : Ed. da Autora, 2025.

ISBN 978-65-01-53852-5

1. Análise do discurso 2. Estudantes - Escritos
3. Histórias de vidas 4. Linguagem 5. Memórias
I. Título.

25-280389

CDD-372.623

Índices para catálogo sistemático:

1. Estudantes : Textos : Produção : Educação 372.623

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

*A quem me ensinou a ver cada um
como um ser único — por cada
gesto, cada palavra, cada silêncio.*

Apresentação

Quando palavras são espelhos nasceu no contexto da Escola Estadual Professora Heloísa Louzada e reúne textos escritos por estudantes do oitavo ano, que se debruçaram sobre a própria história para produzir memórias, testemunhos e autobiografias. O que se apresenta aqui é mais do que um exercício escolar: é um gesto de subjetivação, um movimento de escuta e de inscrição de si no mundo por meio da linguagem.

A obra é fruto de um projeto de pesquisa desenvolvido no Mestrado Profissional em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus Bagé, sob orientação da Professora Doutora Carolina Fernandes. A pesquisa está fundamentada na Análise do Discurso de vertente materialista, conforme os estudos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, e tem como foco compreender os efeitos de sentido produzidos quando sujeitos em formação escrevem sobre si, colocando em circulação memórias, marcas identitárias e experiências atravessadas por diferentes discursos sociais.

Em sala de aula, o trabalho partiu do princípio de que todo sujeito é atravessado pela ideologia e de que a linguagem, longe de ser neutra, é um lugar de disputa e produção de sentidos. Nesse processo, os alunos foram convidados a escrever a partir de suas vivências, num exercício potente de dizer sobre si.

Importante destacar que todos os nomes próprios utilizados nos textos são fictícios, escolhidos pelos próprios alunos como forma de preservar identidades.

Este livro é, portanto, um documento pedagógico, mas também político e afetivo. Ele traz à tona a voz de jovens que, ao escreverem, olham para si e para o mundo, refletindo, resignificando e compartilhando experiências. Que estas páginas sejam lidas com escuta sensível e com a consciência de que cada texto aqui presente carrega muito mais do que palavras: carrega histórias, afetos e sujeitos em formação.

Boa leitura — e que, de fato, as palavras aqui escritas sejam espelhos que refletem, tocam e transformam.

Sumário

Parte I

Do que eu me lembro

Escritas de memórias

1. <i>Uma menina, dois caminhos e tantas palavras</i>	17
2. <i>O salsicha em promoção</i>	19
3. <i>Minha vó</i>	20
4. <i>O dia em que eu saí de casa</i>	21
5. <i>Minha melhor memória</i>	22
6. <i>Um dia em que me perdi no mercado</i>	22
7. <i>A separação dos meus pais</i>	23
8. <i>O dia em que quebrei a perna</i>	24
9. <i>Um dia inesquecível</i>	24
10. <i>O dia mais legal da minha vida</i>	26
11. <i>O nascimento do Anthony – Um momento inesquecível</i>	26
12. <i>Uma manhã diferente das outras</i>	27
13. <i>As férias perfeitas</i>	28
14. <i>Um momento feliz</i>	29
15. <i>O mar pela primeira vez</i>	30
16. <i>À noite</i>	31
17. <i>O dia mais emocionante</i>	31

18. <i>Deixar ir: uma escolha pra sobreviver</i>	32
19. <i>Viagem para o outro lado</i>	33
20. <i>Minha maior perda</i>	34
21. <i>Conhecendo K-pop e me tornando Army</i>	35
22. <i>O dia que eu ganhei um videogame</i>	36
23. <i>Momentos especiais é família reunida</i>	37
24. <i>Uma noite</i>	37
25. <i>O dia em que levei 15 pontos</i>	38
26. <i>Meu aniversário</i>	39
27. <i>A final do cidadão</i>	40
28. <i>Minhas férias em Caxias do Sul</i>	41

Parte II

Onde mora a história

Escritas de testemunhos

1. <i>A escrita como escuta e expressão: testemunhos em sala de aula</i>	45
2. <i>O golpe de 300</i>	48
3. <i>Biquinho</i>	49
4. <i>O pescador confiante</i>	49

5. <i>A história do táxi</i>	50
6. <i>A força de minha voz</i>	51
7. <i>As histórias que ouvi do meu avô</i>	51
8. <i>O concurso de bolo no Natal</i>	52
9. <i>O mistério da meia desaparecida</i>	53
10. <i>O garnizé que foi na escola</i>	53
11. <i>A história do lobisomem</i>	54

Parte III

Minha voz no papel

Escritas de autobiografias

1. <i>Escuta e escrita: a formação da professora-pesquisadora</i> .	57
2. <i>Minha vida sortuda</i>	59
3. <i>Um pouco sobre mim</i>	60
4. <i>Eu tenho uma biografia</i>	61
5. <i>Simplesmente eu</i>	62
6. <i>Contando sobre a minha vida</i>	62
7. <i>Referência do futsal</i>	63
8. <i>Eu sendo a Édra Norr</i>	64
9. <i>Minha história</i>	65

10. <i>Uma semana inesquecível: minha aventura de verão na praia</i>	66
11. <i>Minha História</i>	66
12. <i>Sou a Carol</i>	67
13. <i>Entre risos e valores</i>	67
14. <i>Liberdade em deixar ir</i>	68
15. <i>Uma jornada de crescimento e amor</i>	69
16. <i>Eu</i>	70
17. <i>Minha vida</i>	70
18. <i>Minha simples vida</i>	71
19. <i>Hoje sou Sofia</i>	72
20. <i>A Little About Me</i>	73
21. <i>Nicolas de Freitas - Autobiografia</i>	73
22. <i>Rayzinha</i>	74
23. <i>Minha vida por Edson</i>	75
24. <i>Meus Gostos</i>	75
25. <i>Quem sou eu?</i>	76
26. <i>A Linezinha</i>	77
27. <i>Minha vida, meus sonhos, meu caminho</i>	77
28. <i>Sou Vini Malvoadeza</i>	78
29. <i>Charlotte Lacxer</i>	79
30. <i>Minha Autobiografia</i>	79

31. <i>Hoje sou Fred</i>	80
32. <i>Um Pouco Sobre Mim</i>	81

QUANDO PALAVRAS SÃO ESPELHOS

Parte I

Do que eu me lembro

Escritas de memórias

QUANDO PALAVRAS SÃO ESPELHOS

1.***Uma menina, dois caminhos e tantas palavras***

Desde pequena, brincava de ser professora. O quadro era daqueles verdes de tripé de madeira, os alunos eram bonecas, e os sonhos já apontavam um destino. Ali, no silêncio das brincadeiras de criança, nascia uma vocação marcada pelo encantamento com as palavras, com o poder de ensinar e aprender, com a beleza do encontro entre pessoas e saberes.

Mas a vida, com seus caminhos entrelaçados, com seus desvios e possibilidades, levou-me também à profissão de assistente social, espaço em que escutar é essencial. A profissão me revelou outras formas de escuta, outros modos de presença e outras urgências. Hoje, sou as duas: professora e assistente social. E me orgulho disso. Porque gosto de gente. Porque acredito, com força e amor, que o futuro pode ser transformado pela educação e pelo respeito.

Atuar nessas duas frentes me ensinou a olhar para o outro com atenção e respeito às suas histórias. Descobri que ensinar não é apenas transmitir conteúdos, assim como intervir socialmente não é apenas aplicar políticas. Ambas as profissões exigem escuta, sensibilidade e abertura para o que o outro tem a dizer. E foi justamente isso que me levou à pesquisa: a necessidade de compreender a linguagem como um espaço de constituição de sujeitos, como lugar onde vidas se inscrevem, onde sentidos são disputados e histórias ganham forma.

Nem sempre foi fácil. Passei por grandes perdas ao longo do percurso, surgiram obstáculos, momentos de silêncio e dúvida. Mas também houve coragem. O mestrado surgiu nesse cenário: como um

desafio, mas também como chance de continuar acreditando, não só em mim, mas nos outros e principalmente nas palavras.

A pesquisa que aqui apresento é fruto desse percurso e dessa inquietação que me acompanha há muito tempo: o de escutar os alunos para além da superfície da sala de aula, de ler suas palavras como marcas de quem são, de onde vêm e do que sentem.

E foi no chão da escola pública, com meus alunos do oitavo ano em Dom Pedrito, RS, que percebi o quanto a escrita de si é potente. Trabalhando com as chamadas "escritas de si": memórias, testemunhos e autobiografias, percebi que a produção textual vai muito além de um exercício escolar. Cada linha escrita pelos alunos traz consigo mais do que técnica, ela vem carregada de subjetividades, de dores, afetos, resistências, desejos. São textos que revelam e silenciam. E que, sobretudo, é onde o sujeito se constitui ao dizer.

A Análise do Discurso, baseada nos estudos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, permitiu-me compreender que a escrita dos alunos não é neutra. Ela se inscreve em um campo de relações ideológicas e sociais. Ao escreverem, os sujeitos não apenas se expressam, eles se posicionam, ainda que de forma inconsciente, em relação aos discursos que os atravessam e constituem.

Nas produções textuais que analisei, percebi não apenas a repetição de sentidos dados, mas também brechas, fissuras e movimentos de resistência.

Sendo assim, posso dizer que essa pesquisa nasceu das escutas, das escritas, das palavras dos alunos, que são como espelhos (distorcidos, ampliados, iluminados) de suas histórias.

Neste capítulo dedicado à escrita de memórias, desejo que o leitor possa enxergar, assim como eu enxerguei, a força que existe em cada história. Que perceba que há, por trás de cada parágrafo,

uma vida que se escreve — e se reescreve — mesmo nas margens, mesmo nos silêncios, mesmo nas entrelinhas.

Escrever, afinal, é um ato político, uma forma de existência e resistência. E acompanhar esses jovens nesse processo de dizer-se é, para mim, mais do que parte de uma pesquisa. É um gesto de esperança.

2.

O salsicha em promoção

Minha mãe foi resolver umas coisas no centro e decidiu adotar um cachorrinho. Eu estava no meu pai, portanto nem sabia da surpresa que ela planejava para mim. Ela ligou para uma amiga para saber se ainda tinha os filhotes de salsichinha. A amiga avisou que havia sobrado apenas um, que por coincidência estava na promoção por R\$50,00.

Minha mãe imediatamente buscou o filhote. Chegando lá, avistou o bichinho de orelhas grandes e olhos pidões. Quando voltei para casa e abri a porta, dei de cara com o filhote e foi uma festa na hora! Desde então, ele virou meu companheiro, e minha mãe ama contar a história do Marley, que com desconto nos trouxe tanta felicidade.

3.

Minha vó

Dia 25 de setembro seria aniversário da minha avó Nídia Maria. Eu nunca senti tanta falta dela quanto senti este ano. Várias coisas ruins aconteceram nesse dia em 2024. Eu não consegui evitar pensar nela e nos momentos que vivemos juntas enquanto ela ainda estava aqui. Ela amava orquídeas, principalmente as roxas. Usava um batom vermelho vibrante e sempre dizia: “É para embelezar meus beiços, não é, Maricota?”.

Ela sempre me chamava de Maricota, e desde que se foi, ouvi esse apelido no máximo três vezes.

Eu nunca fui de chorar, mas ultimamente ando chorando igual uma criancinha. Sempre que tento segurar o choro, acabo lembrando de quando estava no colo dela dizendo que segurar o choro me dava dor de garganta. Ela riu e disse: “Então não é para segurar, né?”. Toda vez que lembro disso, desato em um choro tão feio que até me assusto.

Muitas vezes, eu a via escondida na garagem chorando por causa da minha mãe. Elas brigavam muito, sabe? Todo dia de manhã eu acordava com os gritos das duas. Quando minha mãe ia embora, eu corria para minha avó, brigava com ela e questionava o motivo da discussão. Depois, ao vê-la escondida na garagem, eu me arrependia e a confortava, assim como ela fazia comigo.

Ela era uma fumante fervorosa. Quando não tinha cigarro, meu tio-avô levava o famoso “lambido” para ela. Sempre que eu achava um, jogava fora, e ela ficava super brava.

Um dia, ela parou de andar, e eu fui ajudá-la. Na madrugada daquele mesmo dia, fomos para Porto Alegre. Descobrimos que ela

tinha câncer de pulmão. No fim do ano, ela faleceu. Suas últimas palavras foram que me amava.

No dia, eu não senti nada. Mas no dia seguinte, chorei baixinho a noite inteira, escondida, lembrando das últimas palavras dela. Hoje, lembro das manias e do cheiro dela. Ainda sinto o abraço dela. Sempre digo que superei, mas sei que não é verdade.

4.

O dia em que eu saí de casa

O dia em que eu saí de casa foi uma escolha difícil. Eu tive que abandonar minha mãe e não sabia se seria aceito na casa dos meus avós.

Eu morava com minha mãe, meu padrasto e meus meio-irmãos. Nunca me dei bem com meu padrasto, e ele também dizia que não gostava de mim. Tivemos várias discussões, mas a mais séria foi uma briga física. Essa última discussão me levou a decidir sair de casa.

Depois de outra briga, falei para minha mãe que queria ir embora. Disse que, se ela quisesse, podia falar com meus avós. Logo em seguida, fui embora sem dizer tchau e nem olhar para trás. Minha mãe preferiu ficar com meu padrasto. Ela chorava, pedindo para eu ficar, mas dez anos convivendo com ele já tinham sido suficientes para mim.

Hoje moro com meus avós. Precisei procurar um emprego por causa disso, mas pelo menos conheci uma garota incrível no novo trabalho. Não vou mentir, guardo rancor da minha mãe por não ter escolhido o filho dela, no caso EU.

5.

Minha melhor memória

Minha melhor memória foi quando estávamos eu, minha mãe e meu padrasto, todos reunidos em casa em um domingo à tarde. Estávamos em família. Minha mãe fazia pinhão na pressão enquanto assistíamos à Eliana. Essa lembrança me traz uma sensação tão boa. Depois, ficamos aproveitando o momento juntos.

Quando eu era criança, meu padrasto fazia brincadeiras comigo. Eu gostava muito desses momentos com ele. Eu amava ir com ele buscar minha mãe no shopping. Ele sempre comprava um hambúrguer no Burger King para mim.

Quando viajávamos para a praia, ele deixava eu escolher as músicas no carro.

Esses momentos sempre estarão na minha memória. Hoje em dia, eu e meu padrasto nem nos falamos mais, mas tenho um carinho eterno por ele. Ele foi como um pai para mim. Por isso, considero essas as minhas melhores memórias.

6.

Um dia em que me perdi no mercado

Foi um dia que nunca esqueci, mesmo sendo algo simples. Eu tinha uns 7 anos, e minha mãe me levou ao mercado, como de costume. Enquanto ela empurrava o carrinho e pegava as coisas da lista, eu ficava andando ao redor, curioso com tudo. Naquele dia, porém, me distraí demais.

Vi uma prateleira cheia de doces e fui até lá, achando que minha mãe ainda estava por perto. Fiquei um bom tempo olhando, tentando decidir qual doce eu queria pedir. Quando me virei, percebi que ela não estava mais lá. Olhei para os lados, mas não a encontrei, e meu coração disparou.

Comecei a andar pelos corredores, chamando por ela, mas o mercado parecia enorme, e cada canto era igual ao outro. Foi então que comecei a chorar. Uma funcionária percebeu e veio até mim. Perguntou meu nome e disse que iria me ajudar. Levou-me até o balcão de atendimento e chamou minha mãe pelo microfone. Poucos minutos depois, ela apareceu correndo, com uma expressão de alívio misturada com preocupação. Me abraçou forte e disse que tinha ficado apavorada quando percebeu que eu não estava mais lá. Depois disso, grudamos um no outro até o fim das compras.

7.

A separação dos meus pais

Tenho 13 anos, e o momento mais marcante da minha vida foi a separação dos meus pais. Foi por esse motivo que me mudei para Dom Pedrito, para morar com minha avó.

No início, eu estranhei bastante, pois sentia muita saudade das minhas irmãs. Mas, aos poucos, fui me acostumando. Tive que deixar todas as pessoas que eu conhecia para trás e ir para um lugar onde não conhecia ninguém.

Agora, tenho novos amigos, e dois deles são bem legais.

8.

O dia em que quebrei a perna

Oi, sou o Pyetro e vou contar como quebrei a perna. O dia começou comigo indo para a escola, e estava tudo bem — era apenas mais um dia normal. Entretanto, na volta para casa, como de costume, eu e meus amigos começamos a brincar de pega-pega assim que a aula acabou.

Corremos da escola até a esquina da minha casa, mas, quando menos esperava, pisei em falso. Parei de correr e me apoiei em um poste. Achei que não era nada. Eu não conseguia caminhar, mas pensei que fosse apenas um machucado. Com ajuda, consegui chegar até minha casa.

Meu pai colocou gelo na minha perna para aliviar, mas não melhorou. Quando minha mãe chegou, disse que devíamos ir ao hospital. Lá, fiz um raio-X, e os médicos confirmaram: eu havia quebrado o joelho. Disseram que eu ficaria dois meses sem ir à escola. Ia ser difícil recuperar as notas, mas não tinha escolha: ou ficava em casa ou ia de muletas. Acabei ficando em casa durante todo esse tempo.

A história termina comigo em recuperação, sem poder correr nem fazer Educação Física, até ficar 100%.

9.

Um dia inesquecível

Era um lindo dia de verão, por volta das 14h, quando comecei a me organizar para um passeio inesquecível com meus primos, que

tinham chegado à minha casa. Eles se chamam Pedro, Helena, Thiago e Emanuely.

Pegamos a estrada para a nossa viagem, que foi cheia de risadas e piadas. No caminho, passamos por campos floridos até chegarmos ao sítio dos meus tios, um lugar encantador, com muitos pássaros cantando no pomar.

Decidimos fazer um piquenique naquele lugar lindo, aproveitando as frutas saborosas, como pêssego, pera, ameixa, morango, melão, entre outras. Nem vimos o tempo passar, pois estávamos nos divertindo muito. Quando percebemos, já era hora de voltarmos para a cidade, pois ainda havia uma festa surpresa para minha avó — era o aniversário dela, comemorando seus 70 anos.

Ela não esperava por essa surpresa e se emocionou muito. Com certeza, essa viagem foi inesquecível.

As lembranças da vida. No ano passado, quando eu tinha 15 anos, vivi muitas coisas que ficaram marcadas na minha memória.

Ganhei filhotes de pitbull e fiquei muito feliz. Também ganhei um Playstation 4 de aniversário, comprei uma bicicleta e arrumei um trabalho. Um dos momentos mais especiais foi quando viajei para Livramento e conheci meus amigos Kauane, Aline e Rafael.

Teve um dia em que ganhei um passarinho e outro em que fiquei muito feliz por ter passado para o oitavo ano. Também viajei para São Paulo, onde comprei roupas, calçados e três jogos de PlayStation 4.

Apesar de tantas coisas boas, também enfrentei alguns momentos difíceis. Caí várias vezes de bicicleta, me machuquei na perna e nos braços e até quebrei o pulso. Perdi meu tio e minha cachorrinha Cocota. No videogame, perdi alguns dados depois de reiniciar o sistema, e ainda estraguei o controle e o celular.

Teve até um dia em que caí de uma carroça em movimento! Depois disso, parece que comecei a me machucar o tempo todo. Mas eu passo remédio e fico bem.

10.

O dia mais legal da minha vida

O dia mais legal da minha vida foi quando meu irmão Matias nasceu, no dia 29 de setembro de 2023, às 16h30 da tarde. No dia em que ele nasceu, não pude vê-lo pessoalmente, só por foto, direto do hospital.

No outro dia, minha mãe veio para casa com ele. Ela chegou com ele bem tapadinho, enroladinho na coberta. Ele nasceu com 2 quilos e 265 gramas, e 48 centímetros, no Hospital São Luiz de Dom Pedrito.

Hoje ele está com 1 ano e 2 meses, já sabe caminhar e é um “baita” arteiro. Também está com uma cabeleira! Quando eu chego em casa, ele já me pede colo. Eu adoro ele e ele me adora. Me chama de “Mano”. Eu sou o irmão favorito!

11.

O nascimento do Anthony – Um momento inesquecível

Me chamo Bela, tenho 15 anos, e hoje vim contar sobre um momento que ficou marcado em mim: o nascimento do meu irmão Anthony.

Eu nunca esquecerei o dia 27/04/2023. A minha mãe estava com seis dias de atraso menstrual, e todos nós estávamos achando estranho. Ela sempre teve muito cuidado com isso, então a possibilidade de gravidez parecia remota.

No dia 30 de abril, um domingo lindo, minha mãe resolveu fazer um teste, apenas para tirar a dúvida. Para nossa surpresa, deu positivo. Foi um misto de sentimentos: pânico, medo, alegria e choro.

Minha mãe sempre dizia que não podia estar grávida, pois tomava anticoncepcional. Desde então, nossas vidas mudaram. A gravidez era de risco, e estávamos sempre preocupados com a saúde dela e do bebê. Íamos juntos às consultas médicas, apoiando minha mãe a cada passo.

No dia 08/12/2023, Anthony chegou ao mundo. Foi um momento único, incrível e emocionante. Eu me lembro da primeira vez que vi o rostinho dele: loirinho, bochechudo e lindo. Parecia comigo!

Hoje, Anthony tem 1 ano e já nos ensinou tanto sobre o amor e a resiliência. É esperto, inteligente e sapeca. Alegra nossas vidas todos os dias. Sou grata pelo irmãozinho que tenho.

12.

Uma manhã diferente das outras

Me lembro que era uma manhã de domingo e minha mãe estava meio cabisbaixa. Eu também estava preocupada, pois ela quase nunca ficava daquele jeito. Três dias depois, ela precisou fazer

uma cirurgia de urgência, e eu não sabia o motivo, pois ela não havia me contado nada sobre isso.

Fiquei ainda mais aflita, porque ela sempre me falava sobre sua saúde e nunca tinha me escondido nada. Chegou às 8 horas da noite, e ainda não havia notícias dela. Minha ansiedade só crescia. Quase uma hora depois, recebi uma ligação informando que ela havia falecido durante a cirurgia, devido a um problema cardíaco.

Embora a notícia tenha sido devastadora, encontro conforto em saber que ela sempre estará comigo em espírito. Já se passaram sete meses desde então, mas essas lembranças permanecem vivas. Os momentos felizes que compartilhamos me ajudam a suavizar a dor. Guardo boas lembranças dela e sigo os conselhos que ela sempre me dizia.

Espero reencontrá-la um dia, para sentir novamente o carinho e o abraço de que tanto sinto falta.

13.

As férias perfeitas

Olá, tudo bem? Eu sou o Bruno e vou contar a história de como passei o meu Carnaval.

Era fevereiro, quase na época do Carnaval, e meu pai havia recebido um convite de um amigo para passarmos uma semana na praia do Cassino. Ele acabou aceitando. Na semana seguinte, eu, minha mãe, meu pai e uma prima minha saímos de madrugada para encontrar o amigo do meu pai e a família dele, e, juntos, fomos para o Cassino.

Chegamos na hora do almoço e já fomos direto tomar banho de piscina na casa que havíamos alugado. Nos outros dias, sempre acordávamos cedo, tomávamos café e íamos para a praia. No domingo, fizemos um churrasco à beira da piscina e nos divertimos muito. Mais tarde, fomos à praia e acabamos pegando um temporal.

Em algumas noites, saíamos para assistir aos desfiles de Carnaval, que estavam repletos de pessoas de várias cidades. Já fui a outras praias, mas essa é uma das maiores que já vi na vida. Também fomos ao shopping de Rio Grande no penúltimo dia, e lá também foi muito divertido. Passamos o dia inteiro lá, almoçamos e visitamos uma livraria que eu gostei muito, pois era muito bonita e cheia de livros legais e interessantes.

No dia seguinte, já estávamos nos arrumando para voltar para casa.

14.

Um momento feliz

Foi um momento incrível ver minha família crescer. Eu me lembro da emoção e da alegria que senti ao ver meu irmãozinho pela primeira vez. Ele trouxe uma energia e uma iluminação para nossa casa.

Agora, um ano depois, é incrível acompanhar seu crescimento e desenvolvimento. Cada risada, cada passo e cada conquista são momentos preciosos.

Meu irmãozinho é uma bênção para mim e para a minha família.

15.

O mar pela primeira vez

Era praticamente a última semana daquele mês. Estávamos planejando viajar para algum lugar. Qual? Ainda não sabíamos. Meu pai estava de folga do trabalho por alguns dias, e meu aniversário estava próximo. Decidimos ir à Praia do Cassino, que fica em Rio Grande, uma praia que eu nunca havia visitado.

Estavam comigo, pela primeira vez, meu pai, minha mãe, minha avó e meu tio. Juntos, embarcamos no carro, saindo às 3 da manhã. A viagem foi demorada, mas fomos conversando, o que deixou tudo mais divertido. Levamos tudo para nos proteger do sol.

Ao chegar, andamos mais um pouco de carro pela praia até encontrarmos um lugar perfeito para montar o toldo. Levamos uma churrasqueira para fazermos um churrasco, além de água, refrigerante e até comemos açaí para refrescar. Confesso que não entrei no mar, mas meus pais, minha avó e meu tio entraram.

A viagem foi rápida — ficamos apenas um dia. Na volta, paramos para comprar salgados e comer. Era um lugar onde eu nunca havia ido, mas foi, principalmente, um dia muito especial. Parecia uma ida à praia como qualquer outra... Não era a primeira vez da minha vó conhecendo o mar...

Proporcionar aquilo a ela foi algo incrível. Ver a alegria dela foi algo lindo e encantador. Mesmo não tendo entrado no mar, ao tê-la na água, senti uma felicidade imensa. Foi um momento único. Pude realizar o sonho da minha avó de conhecer o mar e também viver uma viagem em que cada sorriso, alegria e risada preenchiam nossos corações, tornando tudo completo.

16.***À noite***

Uma das minhas lembranças mais felizes foi no começo do ano, quando conheci uma parte dos meus amigos mais especiais. Tive uma noite incrível, na qual nos reunimos para jogar RPG. Um deles criou uma história cheia de mistérios e montou um cenário para nós.

Ele pediu para que cada um criasse o próprio personagem, mas com uma condição: nossos personagens deveriam ser ratos, e cada um deles precisava ter um segredo envolvendo seu passado — e assim fizemos.

Passamos a madrugada jogando, interpretando nossos personagens com muita dedicação. Choramos e rimos muito durante a campanha. No final, comentamos sobre cada momento marcante que aconteceu.

Definitivamente, foi um dos melhores dias do meu ano. Vivi diversas experiências e memórias que, com certeza, vão marcar minha vida.

17.***O dia mais emocionante***

Eu jogo futsal em um time de Dom Pedrito chamado Country Clube. Todos os anos o time participa do Campeonato Liga Zona Sul. Em 2024, fomos vice-campeões em Pelotas e a final terminou em três a um.

O jogo mais marcante foi a semifinal contra o BS. Foi uma partida muito disputada. A gente venceu por quatro a três, com um gol no último minuto. Viramos o jogo e conseguimos a vaga na final.

Fomos para Pelotas no dia 10 de novembro e enfrentamos o B10 na decisão. O placar final foi três a um para eles. Ficamos com o vice-campeonato, mas o esforço valeu a pena.

18.

Deixar ir: uma escolha pra sobreviver

Desde que me entendo por gente, nunca tive um pai presente. Se você me perguntar qual é a minha memória favorita com ele, eu não saberia responder — todas as lembranças que tenho são tristes e dolorosas.

Uma das que mais me machucam é a da minha primeira crise de pânico, causada por ele. Infelizmente, lembro com nitidez daquele dia: a sensação de falta de ar, dor no peito, suor frio, visão turva. Parecia que eu ia desmaiar a qualquer momento. Se minha vó não estivesse comigo naquele sofá, não sei o que teria acontecido. Tudo por causa dele. Foi culpa dele que eu tive aquela crise. Se eu pudesse voltar no tempo, nunca teria atendido aquela ligação.

Minha relação com ele é como um ioiô: vai e volta. Mas, daquela vez, ele me machucou mais do que de costume. Lembro bem o que gerou a briga que desencadeou a crise de pânico. Eu estava na casa da minha tia e da minha vó quando minha mãe começou a mandar mensagens dizendo que ele não havia depositado minha pensão, já atrasada há cinco dias. Então mandei mensagem para ele,

que me ligou em seguida — e disse coisas muito pessoais e dolorosas.

Depois daquela ligação, comecei a sentir uma dor forte no peito. Minha mãe achou melhor irmos para casa, para eu me acalmar, mas tudo só piorou. A dor aumentou, comecei a suar frio, minha visão ficou turva e meus batimentos cardíacos estavam acelerados. A crise de pânico só passou depois de alguns minutos que pareceram horas.

Depois, me acalmei, bebi água e tomei um banho gelado. No dia seguinte, decidi cortar relações com meu pai de uma vez por todas. Eu sempre quis uma relação saudável com ele, mas nunca deu certo.

Machuca muito quando alguém diz, com todas as letras, que te ama — e depois afirma que nunca mais quer te ver. Vai completar dois anos desde minha crise de pânico e desde que não falo com meu pai. Confesso que sinto falta dele, mas, pelo meu bem e pela minha saúde mental, não posso permitir outra crise. Eu tive que deixar ir.

19.

Viagem para o outro lado

Algo marcante na minha vida foi uma viagem que fiz para Porto de Galinhas, em Pernambuco. Essa viagem foi muito divertida, e o mais legal é que andei de avião pela primeira vez!

Aconteceram muitas coisas legais: conheci cidades diferentes, experimentei comidas típicas e aproveitei bastante o calor, já que na minha cidade era inverno e estava muito frio.

Assim que cheguei, fui direto para a piscina. No dia seguinte, fui conhecer melhor o resort onde estávamos hospedados — era enorme! Tinha vários restaurantes com comidas típicas deliciosas, além de teatro e apresentações à noite. Toda noite tinha uma peça diferente, e eu adorava assistir.

Também aproveitei muito a praia de Maragogi. Fiquei lá por sete dias, curtindo o sol, o mar e todos os momentos incríveis que essa viagem me proporcionou.

20.

Minha maior perda

Há alguns anos, minha mãe me chamou para dar uma notícia. Eu estava brincando na casa da vizinha e fui correndo ver o que era. Quando cheguei, ela me disse que estava grávida — e foi uma emoção só, porque meu maior sonho sempre foi ter um irmãozinho. Saí todo sorridente, contando para toda a vizinhança.

Os cuidados com a mãe aumentaram, e ela estava cada vez mais barriguda e linda. Um certo dia, ela teve uma discussão com meu pai e ficou muito nervosa e ansiosa. Teve uma crise de ansiedade muito forte, não conseguia respirar. Corri para chamar meu dindo, que a levou para o pronto-socorro.

Ela ficou um dia internada e ninguém me dava notícias. Fiquei com meus avós na minha casa. Estávamos almoçando quando minha vó recebeu uma ligação. Ela saiu da mesa e foi para o quarto. Escutei ela falando para minha tia que a mãe havia perdido

o bebê. Ninguém tinha me contado. Me atirei no chão e gritei desesperadamente, porque meu irmão era tudo o que eu queria.

A dor do luto não passa. Mas Deus me enviou um anjo: outro irmãozinho, que hoje tem quatro aninhos.

21.

Conhecendo K-pop e me tornando Army

Olá, meu nome é Édra Norr, vim contar a vocês um lindo momento marcante da minha vida.

Bom, eu lembro como se fosse hoje: era uma tarde ensolarada. Eu estava assistindo YouTube e, do nada, apareceu um vídeo coreano. Para mim, eram só uns homens normais. Com o tempo, comecei a assisti-los todos os dias. Até que um dia, apareceu um vídeo específico sobre eles. Eu cliquei. Ao longo do vídeo, descobri que eles eram cantores de K-pop e que o nome do grupo era BTS, que significa “Meninos à Prova de Balas”.

Fiquei tão emocionada com isso que chorei de alegria. Com o tempo, comecei a escutar as músicas deles, e foi aí que me tornei Army, que significa “exército”. Eu gosto tanto deles que tenho dois preferidos: Kim Taehyung e Jeon Jungkook. Me tornei Army no dia 22 de dezembro de 2022 e desde então só tenho sentido alegria.

Se eu comecei a gostar de K-pop, foi graças a eles — e jamais vou parar de gostar de BTS, porque eu sou Army, o exército deles.

Até hoje, tenho um grande sonho: ir para a Coreia do Sul, conhecer a cidade de Seul e visitar a praia de Jeju, que fica no Mar do Sul da Coreia, a cerca de 130 km da costa sul da península coreana.

22.

O dia que eu ganhei um videogame

Era um dia lindo, ensolarado e frio. Era 24 de junho de 2023, dia de São João, no inverno — o dia do meu aniversário de 13 anos. Aquele dia ficou marcado.

Era perto das 14h da tarde. Eu e meu pai fomos buscar o bolo do meu aniversário e, de repente, ele me disse:

— Vamos dar uma passada ali na loja Quero-Quero, que preciso ver uma coisa.

Pra mim, tudo bem. Eu nem imaginava que seria para comprar um presente que eu tanto queria.

Chegamos na loja e logo veio um atendente simpático, que perguntou:

— Em que posso ajudar?

E meu pai respondeu:

— Vamos ver um videogame para esse menino aqui.

Eu olhei para o meu pai, e tenho certeza de que meus olhos brilharam de felicidade. Perguntei:

— Jura, pai?

E ele disse:

— Sim, claro! É o seu presente de aniversário.

Fiquei muito feliz e realizado. Logo depois, fomos buscar o meu bolo de chocolate — que eu adoro.

Chegando em casa, já estava tudo pronto: tinha cachorro-quente, frios, refrigerante, brigadeiro e muito mais. Uns amigos que minha mãe havia convidado chegaram para comemorar comigo, e mais tarde chegaram meus primos, meu avô e meus tios para jantarem com a gente.

Foi um aniversário incrível, que com certeza ficará para sempre nas minhas lembranças.

23.

Momentos especiais é família reunida

Para mim, os momentos mais marcantes são aqueles em que a família está reunida! Por exemplo, datas comemorativas, pois sempre há muitas risadas, amor e alegria. Eu adoro fazer viagens em família, pois elas sempre são inesquecíveis. E vou contar sobre uma das minhas viagens em família mais recentes.

Nessa viagem, fui eu, minha prima, meu avô e a esposa dele. Fomos para a praia passar o final de semana. Fizemos muitas coisas divertidas, como andar de barco pirata, pedalinho, alugar uma bicicleta de três lugares — e até capotamos! Essa, com certeza, foi a melhor parte! Também fomos ao parque aquático. Foram dias incríveis, cheios de memórias inesquecíveis.

Quando fomos ao parque, tinham toboáguas extremamente altos — e ninguém escapou, nem o meu avô! Eu e minha prima fomos em todos os toboáguas e piscinas. Aproveitamos demais!

24.

Uma noite

Lembro-me da noite em que descobri The Vampire Diaries. Foi no começo de 2023, quando eu estava procurando uma nova série

para me viciar. Desde o primeiro episódio, fiquei encantado com o mistério de Mystic Falls.

A paixão de Elena e Stefan, a amizade da Caroline e o mistério em torno de Damon me mantiveram completamente atento. Cada episódio era uma nova aventura, cheia de suspense e romance.

Essa série me fez sonhar, rir e também chorar muito. Foi a minha primeira paixão por uma série de fantasia. Ainda lembro das noites em que assistia episódio por episódio, totalmente envolvido naquele universo de vampiros, híbridos, bruxas, hereges, caçadores, sereias, psíquicos e tantos outros seres mágicos.

The Vampire Diaries foi, e continua sendo, a melhor série da minha vida. Ainda assisto de vez em quando, já sei cada episódio de cor... e continuo sonhando em fazer parte daquele mundo.

25.

O dia em que levei 15 pontos

Os 15 pontos a que me refiro não foram em nenhuma disciplina e sim, na sobancelha.

Tudo começou porque minha tia sempre tirava férias em Dom Pedrito e, nesse meio-tempo, ficava na minha casa com seu esposo e suas filhas.

Logo no primeiro dia, enquanto estávamos desfazendo as malas, resolvi fazer uma pausa junto com minha prima Juliana. Assim que começamos a brincar, ela resolveu me pegar no colo e eu não gostei nada da ideia. Comecei a me debater, o que dificultou que ela me segurasse.

E foi assim que ela me derrubou. Acabei batendo a sobrelanceira no rack que estava ao nosso lado.

Na hora, eu nem senti dor, mas, quando minha mãe viu o corte, entrou em desespero e me levou direto ao hospital. No carro, eu fui cantando, como se nada tivesse acontecido. No hospital, só senti dor na hora da anestesia.

Resumindo: hoje, nove anos depois, carrego uma cicatriz na sobrelanceira com 15 pontos como lembrança dessa aventura.

26.

Meu aniversário

Dia 2 de junho foi um dia incrível. Completei meus 14 anos e meus amigos me surpreenderam com uma festa surpresa, na companhia dos meus avós. Eu estava ansiosa pelo meu aniversário, mas nunca imaginei que seria tão especial assim.

Quando acordei, o corredor do meu quarto estava cheio dos meus amigos me esperando. Ali mesmo já desconfiei que estavam aprontando algo, mas nem falei nada.

Ao sair para fora, vi que o pátio estava todo decorado com balões e muitos doces — principalmente os meus preferidos: brigadeiro de leite ninho com granulado e brigadeiro tradicional.

Curtimos bastante a festa durante toda a tarde e boa parte da noite. Fizemos várias brincadeiras, como pular corda, desafio de verdade e o jogo da colher.

Mais tarde, já na madrugada, montamos umas barracas longe de casa e fizemos uma fogueira. Ela não durou muito por causa do

vento, mas, com toda certeza, esse foi o melhor aniversário dos últimos anos em que tive qualquer tipo de comemoração.

Depois desse dia, fiquei muito grata aos meus amigos e, principalmente, aos meus avós, que toparam essa loucura sem pensar duas vezes.

27.

A final do cidadão

A final que tanto esperei... meu coração dispara, minhas mãos tremem e minha mente vibra com pensamentos de vitória.

Estou na quadra, cercado por meus companheiros de equipe. Nossos olhares se encontram. Sei que estamos prontos. Um ano de suor, lágrimas e sacrifício nos trouxe até este instante.

Lembro-me do primeiro treino, do primeiro gol, da primeira vitória. E agora, aqui estamos, prestes a escrever a última página dessa jornada. Meu capitão me olha, sorri e diz: “Hoje é o nosso dia.”

O juiz dá o apito inicial. A quadra explode em gritos, mas eu ouço apenas meu coração. O jogo começa. Cada passo, cada drible, cada chute é uma batalha.

O relógio marca 10 minutos. Estamos ganhando de quatro a dois, até que saio para descansar — e meus companheiros fazem o último gol. A quadra explode. Todos se abraçam e gritamos juntos: campeões!

Levanto a taça e deixo o ginásio de cabeça erguida, sabendo que dei tudo em quadra. Este título é mais do que uma conquista —

é um lembrete de que, quando se acredita em si mesmo, nada é impossível.

28.

Minhas férias em Caxias do Sul

Eu já passei minhas férias duas vezes em Caxias do Sul, mas a que eu mais gostei foi a de 2022 para 2023. Nessas férias, eu fiz várias coisas: saí, fui ao shopping, comi no McDonald's e no Burger King.

Teve um dia em que meu tio Emerson me convidou para assistir ao jogo do Grêmio Futebol Porto-Alegrense contra o Caxias do Sul.

Quando chegou o dia, eu estava muito feliz, pois iria ver de perto o jogo do meu time de coração. Fomos ao Estádio Centenário: eu, meu tio e minha vó.

Depois de um bom tempo esperando, o jogo finalmente começou. Lembro que isso foi bem na época em que o Suárez estava jogando no Grêmio, usando a camisa nove do elenco.

Nesse dia, tirei muitas fotos e gravei vários vídeos. Eu, sinceramente, não me arrependo de nada disso. Gostaria muito de viver essa experiência de novo.

QUANDO PALAVRAS SÃO ESPELHOS

Parte II

Minha voz no papel

Escritas de autobiografias

QUANDO PALAVRAS SÃO ESPELHOS

01.

A escrita como escuta e expressão: testemunhos em sala de aula

Com o amadurecimento da pesquisa e da prática pedagógica, fui compreendendo que, mais do que uma habilidade técnica, a escrita constitui um campo de construção de sentidos, de elaboração de experiências e de expressão das subjetividades. Ao observar com mais atenção o processo de desenvolvimento dos textos dos meus alunos, percebi que, quando há espaço, escuta e mediação adequada, eles escrevem mais do que relatos: produzem testemunhos. Não se trata apenas de narrar o que viveram, mas de organizar, ressignificar e dar forma discursiva a experiências muitas vezes silenciadas. Nesse movimento, percebo que a escrita é, para muitos, a única forma de dizer o indizível.

Essa percepção foi se tornando mais clara a partir da vivência com turmas dos anos finais do ensino fundamental, na escola pública estadual de Dom Pedrito onde atuei desde o período de retorno presencial pós-pandemia. Ao propor, nos primeiros dias de aula, a escrita de uma lembrança significativa, percebi que as memórias evocadas eram, na maioria das vezes, atravessadas por dor, medo e perda. A pandemia, os lutos, as ausências, os deslocamentos, a violência e a insegurança emergiam com força nos textos. Com o tempo, a repetição desse tipo de proposta me mostrou que havia ali mais do que uma simples atividade de apresentação: havia uma demanda por dizer-se, por ser escutado.

Foi a partir dessas experiências iniciais que decidi desenvolver com os alunos um projeto de escrita de si que permitisse aprofundar esse gesto de testemunhar. A cada nova proposta de escrita, partimos da leitura de uma obra literária que pudesse

dialogar com as vivências dos estudantes e, ao mesmo tempo, ampliar seus repertórios de linguagem e suas formas de expressão.

*Começamos com o conto **Olhos d'Água**, de Conceição Evaristo. A leitura expressiva do texto, feita em roda, provocou reações intensas: silêncios densos, olhos marejados, comentários tímidos, mas cheios de identificação. Em seguida, a escrita surgiu como continuidade da escuta, como resposta íntima e particular aos sentimentos que o conto ativou. O exercício de narrar uma memória passou a ser, ali, uma prática de elaboração.*

*Na etapa seguinte, seguimos com a leitura dos dois primeiros capítulos de **Becos da Memória**, também de Conceição Evaristo. Os trechos escolhidos permitiram aos alunos o contato com uma linguagem marcada por resistência e denúncia. As lembranças da narradora, entrecortadas por fragmentos de infância, exclusão e resistência, despertaram novas possibilidades de escrita entre os alunos. Muitos passaram a buscar, em suas próprias histórias, imagens semelhantes às da obra: ruas de terra, vizinhanças barulhentas, afetos e ausências que se entrelaçavam na linguagem.*

*Encerramos o percurso com a leitura do capítulo inicial de **O beijo na parede**, de Jeferson Tenório. Diferente das obras anteriores, esse texto apresenta uma narrativa mais direta, marcada por uma experiência de exclusão e violência escolar que, para muitos alunos, era dolorosamente próxima. A fala do protagonista, ainda menino, atravessado por julgamentos e silenciamentos, encontrou eco entre os jovens leitores que, muitas vezes, também já haviam se sentido excluídos pela escola ou pela sociedade. Essa leitura provocou não só reflexões, mas escritas urgentes, alguns alunos escreveram sobre episódios de discriminação e de exclusão familiar que haviam vivido.*

A cada etapa, a literatura funcionou como catalisadora de memórias e ponto de partida para o gesto de escrita. Não se tratava de copiar a estrutura do texto lido, mas de permitir que ele abrisse caminhos para que outras vozes se fizessem ouvir. A escolha das obras foi feita com cuidado, sempre pensando na escuta das experiências dos estudantes, no reconhecimento de suas trajetórias e na possibilidade de subjetividade a partir da linguagem.

Nessas práticas, a escrita deixou de ser um exercício escolar e passou a ser espaço de escuta e de significação. Os testemunhos que surgiram, em suas formas ainda instáveis, por vezes fragmentadas ou atravessadas por silêncios, trouxeram à tona experiências que exigem leitura ética e crítica. Compreendi que cada texto carrega muito mais do que a habilidade de escrever: ele carrega um sujeito que tenta se dizer, que busca se localizar em meio aos discursos que o constituem e que encontra, nas palavras, um modo possível de existir.

A escrita dos alunos, portanto, não se resume ao domínio da norma ou ao cumprimento de uma tarefa. Ela é gesto de subjetivação, lugar de resistência e de produção de sentidos. Como professora, meu papel tem sido o de criar condições para que essa escrita aconteça: escolhendo com cuidado os textos de partida, oferecendo mediações significativas e, sobretudo, lendo com escuta atenta.

É esse processo, as vezes sensível, lento e incompleto, que apresento agora, por meio dos testemunhos produzidos pelos alunos. Que estes textos sejam lidos não apenas como produções escolares, mas como atos de dizer que, em sua simplicidade, nos convocam a pensar a escola como espaço de escuta, de partilha e transformação.

02.

O golpe de 300

Um amigo meu de São Paulo me contou uma história em que ele perdeu R\$400 com uma garota de programa. Nós estávamos em “call” jogando com amigos em comum quando ele me contou.

Era mais um dia normal em que jogávamos e ríamos muito, adoramos jogar videogame online, conhecemos pessoas de vários lugares, até que o Danilo falou para o Miguel contar a história de como perdeu dinheiro com uma garota de programa. Miguel contou que tinha recebido o salário e queria “fazer atos carnais”.

Após procurar alguém que lhe agradasse pelos sites, ele contratou o serviço de uma garota por R\$100 por 30 minutos. Ele deu R\$400, ou seja, pagou por duas horas de serviço. Chegando no local, começaram a fazer as coisas, e então, 30 minutos depois, ela pediu para ele acelerar porque outro cliente iria chegar. Feito isso, ela pediu que ele esperasse no quarto ao lado.

Vinte minutos depois, ela o chamou, dizendo que ele precisava ir embora. Ele questionou, pois ainda faltava 1h30 de serviço, mas ela disse que não iria cumprir. Com medo de algo acontecer, já que era um bairro perigoso, ele foi embora. E assim foi o dia em que ele tomou o golpe de 300.

Achei essa história muito engraçada, não esqueci mais.

03.

Biquinho

Quando eu era mais nova, minha mãe me contou uma história muito engraçada na qual meu padrinho, irmão dela, “dava biquinhos” e “nadava no chão” de medo. Ela me contou essa história em um final de tarde, entre muitas risadas, ao lembrar momentos do passado.

Antes de começar a contar, minha mãe ria tanto que chorava. Ela disse que, naquela noite, só estavam ela, minha avó (a mãe dela) e meu padrinho em casa, o resto da família tinha saído.

Era noite, e todos ouviram um barulho dentro de casa. Foram investigar, e descobriram que uma janela estava aberta. Quando menos esperavam, um morcego voou baixo perto do meu dindo. Para desviar do animal, ele “deu um biquinho” e começou a “nadar” no chão, tentando escapar.

Quando ouvi essa história pela primeira vez, chorei de tanto rir. Até hoje, de todas as histórias do meu dindo, essa é, sem dúvida, a mais engraçada.

04.

O pescador confiante

Uma vez minha dinda me contou que o marido dela, apaixonado por pescaria, tinha certeza de que iria pegar o maior peixe da vida na próxima vez que fosse pescar.

De manhã bem cedo, ele acordou cheio de confiança, dizendo que aquele seria seu dia de sorte. Chegando ao local, montaram tudo

e ficaram esperando. Duas horas se passaram e nada. Até que, de repente, a vara começou a mexer. Ele ficou animado e puxou com tanta força que acabou caindo na água.

No fim, nunca souberam se era mesmo um peixe grande ou outra coisa qualquer. Mas minha dinda diz que até hoje ri quando lembra dessa história.

05.

A história do táxi

Numa viagem, eu estava com meu pai e uns colegas dele, sentados dentro de uma fábrica. Era final de tarde e já estava anoitecendo, quando meu pai começou a contar sobre a época em que trabalhava como taxista. Ele nos falou sobre um momento tenso que ocorreu em uma corrida.

Naquele tempo, segundo meu pai, havia muitos assaltos a taxistas e alguns colegas já tinham sido roubados. Se não me engano, um deles chegou a falecer por causa disso. Apesar de ser um pouco maluco, meu pai era consciente de suas ações.

Ele contou que, em uma corrida, três ou quatro passageiros subiram no carro e pediram o destino. Ele já desconfiou e ao analisar a situação, percebeu que algo estava errado. Mudou o percurso e começou a acelerar o Voyage, subindo a Sete de Setembro. Os ponteiros estavam no limite e os meliantes começaram a se desesperar.

Meu pai contou a clássica história de que a mulher dele o havia abandonado. Eles pediram, desesperadamente, para ele parar

o carro. No fim, ele parou quase na saída de Dom Pedrito e conseguiu sair ileso. Ele ainda deu uma boa lição de moral neles.

06.

A força de minha vó

Minha avó me contava sempre sobre os tempos difíceis que ela passou quando meu avô faleceu. Ela era jovem, com três filhos pequenos, e tinha que cuidar da casa e do sítio sozinha. Ela dizia que, no começo, pensou que não conseguiria, que tudo seria pesado demais. Mas ela tinha algo que muitos não viam: uma força silenciosa. Ela acordava antes do amanhecer, preparava o café, cuidava das vacas e ainda tinha tempo para ensinar os filhos sobre a vida. Meu avô já tinha falecido, mas ela nunca parou de viver por ele. Quando perguntaram a ela como conseguiu passar por tudo isso, ela respondeu: “A gente vai, um dia de cada vez”. Isso ficou gravado em mim, pois ela sempre foi um exemplo de força.

07.

As histórias que ouvi do meu avô

Cresci ouvindo meu avô contar histórias da nossa família, mas havia uma que eu sempre queria ouvir: a história do pai dele, meu bisavô que lutou na Segunda Guerra Mundial.

Meu avô contava que o pai dele nunca gostava muito de falar sobre aquele tempo. As memórias eram pesadas. Meu avô dizia que lembrava de seu pai com cabelos brancos e contando essas histórias

a ele. *“Foi a coisa mais difícil que eu vivi”, ele dizia, com os olhos tristes.*

Contava que estar longe da família era o pior. Mas meu bisavô resistiu com coragem. Ele dizia que o verdadeiro valor de um homem era medido na guerra.

Lembro do meu avô me dizendo, com orgulho que seu pai esteve lá e que mesmo perdendo companheiros e parte da juventude, ainda conseguiu voltar vivo.

08.

O concurso de bolo no Natal

Minha avó sempre foi conhecida por suas receitas deliciosas. Ela tinha uma receita de bolo de cenoura que todos diziam ser a melhor do mundo. Um dia, num Natal, decidiram fazer um concurso do melhor bolo, minha família é grande e sempre se junta no Natal. Minha vó foi toda confiante com seu bolo, ela estava super tranquila. Mas, quando ela foi cortar uma fatia, o bolo desmoronou e caiu no chão. Ela não sabia o que fazer e juntou o bolo do chão e disse: ‘Olha, esse bolo não é só para comer. É também para mostrar que as vezes as coisas caem!’ Todo mundo caiu na risada. Sempre lembramos dessa história.

09.

O mistério da meia desaparecida

Todo mundo tem uma história sobre perder uma meia, né? Lá em casa não é diferente. Um dia desses minha mãe fez um apanhado de meias com um único pé, ao todo tinha 8 meias sozinhas. Foi muito engraçado, ela procurou até na gaveta dos guardanapos.

Enquanto minha mãe revirava a casa, minha vó, mãe do meu pai chegou e disse que por isso que não gostava de máquinas de lavar roupas, porque elas “comiam” as meias.

A história da máquina devoradora de meias virou nossa piada favorita e é impossível não morrer de rir quando lembramos.

10.

O garnizé que foi na escola

Minha mãe conta que, quando era criança, criou uma garnizé de estimação chamada Fofa. Um dia, ela tentou levar a pobre galinha escondida na mochila pra escola. O problema foi que a galinha começou a cacarejar no meio da aula e causou o maior alvoroço. Minha mãe foi suspensa da escola, minha vó a deixou de castigo e ela ainda teve que lavar a mochila porque a Fofa fez cocô lá dentro.

11.

A história do lobisomem

Meu tio João gostava de assustar a gente com essa história. Ele dizia que quando morava na campanha, certa vez, ouviu barulhos estranhos na varanda por várias noites seguidas. Todo mundo dizia que era alma penada, lobisomem, até mula-sem-cabeça. Ele, muito sério, armou um plano: fingiu que dormia, com uma espingarda do lado. Na terceira noite, pulou da cama e deu o maior grito quando viu a sombra se mexendo.

O problema é que o susto foi tão grande que ele acabou disparando e até hoje não sabe o que era. Ainda que ele continue jurando que era um lobisomem.

Parte III

Minha voz no papel

Escritas de autobiografias

QUANDO PALAVRAS SÃO ESPELHOS

01.

Escuta e escrita: a formação da professora-pesquisadora

Ao retomar as primeiras inquietações que me moveram neste alho, percebo que elas já apontavam para um desejo profundo de compreender a escrita como um espaço de subjetivação, de deslocamento e de resistência. À época, talvez eu não soubesse ainda o que isso significava em contexto mais amplo, nem onde essa busca me levaria. Mas havia um incômodo insistente: a constatação de que a escrita escolar, muitas vezes, era tratada como um exercício técnico, apartado da vida dos sujeitos que escrevem. Esse incômodo foi o que me impulsionou, primeiro como professora, depois como pesquisadora, a me aproximar dos gestos de escrita dos alunos com outros olhos e outros ouvidos.

Com o tempo, com as leituras teóricas e com a escuta atenta das produções dos estudantes, fui compreendendo que escrever é também uma forma de se constituir enquanto sujeito do dizer, entendendo, como propõe a Análise do Discurso, que o sujeito é atravessado pela ideologia e pela linguagem, e que se significa nas formações discursivas que o interpelam.

Como professora de Língua Portuguesa em uma escola pública da periferia, fui testemunha de escritas que não cabem nos moldes tradicionais de correção e de avaliação. São textos que surgem do encontro com a dor, com a perda, com o silêncio, mas também com a resistência, com a memória, com a alegria, com o riso e com a esperança. Entre o trágico e o cômico, escrever, para muitos dos meus alunos, é encontrar um lugar de dizer o que não foi dito, de nomear aquilo que, por tanto tempo, foi ignorado, ou simplesmente de partilhar o que faz vibrar, rir, imaginar.

Nesse percurso, fui me constituindo também como professora-pesquisadora. E, mais especificamente, como analista do discurso. Isso significa que passei a olhar para os textos dos meus alunos não apenas como professora que orienta, mas como alguém que busca escutar os movimentos do sujeito em sua linguagem. Assumir essa posição exige um deslocamento: é necessário sair da posição de quem apenas ensina e corrige, para ocupar um lugar de escuta crítica e sensível, capaz de perceber nos silêncios, nas repetições, nos desvios e nos modos de dizer, as marcas do sujeito atravessado por discursos outros.

Essa escuta é, ao mesmo tempo, política e ética. Política porque envolve reconhecer os efeitos dos discursos sociais, históricos e ideológicos sobre os modos como os alunos se dizem e se silenciam. Ética porque exige um cuidado com esses dizeres, um respeito pelos sentidos que neles se inscrevem. Ao me colocar como analista, compreendi que cada texto é um gesto: não apenas de quem escreve, mas também de quem lê. E que a leitura, nesse caso, é também um modo de escuta.

No decorrer da pesquisa, fui percebendo o quanto a prática de escrita dos alunos me atravessava. Havia textos que me faziam interromper a leitura, tomar fôlego, repensar o que significava ser professora naquele contexto. Havia momentos em que a análise exigia pausa, silêncio, tempo. Os testemunhos que li, reli e analisei não me deixaram no mesmo lugar. Eles me fizeram pensar sobre os efeitos da escola em suas subjetividades, sobre os sentidos que ela pode produzir ou apagar, sobre os modos como os alunos resistem com a linguagem, com a memória, com seus próprios corpos e histórias.

Essa experiência me formou. Não no sentido de me dar respostas prontas, mas no de me transformar. Hoje, entendo que ser

professora-pesquisadora não é ter domínio sobre um saber, mas estar em constante movimento diante do que emerge da sala de aula. É aceitar que os alunos não escrevem sob nosso controle, mas apesar dele. Que suas palavras são atravessadas por discursos outros, por histórias familiares, por marcas sociais e simbólicas que escapam à normatividade escolar. E que é aí que mora a potência da escrita.

Encerrando este percurso, sinto que a professora que começou esta pesquisa já não é a mesma que escreve estas palavras agora. Algo se deslocou. O contato com os textos dos alunos, a análise atenta e a escuta das entrelinhas me ensinaram mais do que qualquer bibliografia. Eles me mostraram que, ao ler o outro, também me leio. Que ao analisar os discursos dos alunos, também me torno sujeito de análise.

Hoje, sigo como professora-pesquisadora, mas com outros olhos. Olhos que buscam ver o que escapa, que reconhecem a opacidade do sujeito e os limites da linguagem, mas que, mesmo assim, insistem na escrita como gesto de existência. Porque escrever, para mim e para meus alunos, é uma forma de resistir e de permanecer.

02.

Minha vida sortuda

Bom, nasci na cidade de Três Coroas, no estado do Rio Grande do Sul. Bebi a água do parto na cesárea e precisei ser transferido para o hospital de Porto Alegre numa madrugada. Foi tudo certo e tranquilo.

Passei os primeiros 3 anos da minha vida na Serra e, depois, vim para Dom Pedrito em um Fusca. Não lembro muito dos meus amigos de lá, e por aqui consigo lembrar desde a creche.

Sempre gostei de carros. Meu pai trabalhava em uma lavagem e toda hora em que eu estava lá, pulava para dentro dos carros e isso me divertia muito. Minha paixão por construções, ambientes organizados e limpos também não fica de fora e claro, uma estranha vontade de aprender a cozinhar e fazer vários tipos de pratos diferentes, porém, super gostosos e bem elaborados.

Muitos desses gostos vim adquirindo conforme meu paladar, quando eu via aquilo acontecer, ficava encantado e com vontade de estar lá e até mesmo participar daquilo. Atualmente, vejo esses sonhos se aproximando cada vez mais e mais. Eu acredito na sorte e por algum motivo me deparo com tudo o que eu passei e reflito: “como uma pessoa pode chegar aqui e ter feito tanto”. Consegui me manter até hoje sem perder o fôlego ou as esperanças.

Futuramente, quero recuperar todos os momentos em que deixei de fazer algo por preguiça e, ao final disso tudo, descansar em paz, sabendo que fiz um bom trabalho pelo mundo.

03.

Um pouco sobre mim

Nasci no Brasil, no Rio Grande do Sul. Sou um menino que dá valor às pequenas coisas, que não quer falhar com os pais e que tem medo de não dar orgulho a eles. Quero me tornar um homem bem-sucedido para nunca faltar nada dentro de casa.

Diria que sou uma pessoa quieta e calma. Gosto de ficar sozinho, tendo meus momentos, seja jogando, ouvindo música ou até mesmo assistindo a um filme. Amo adquirir conhecimento sobre as coisas, passar tempo com minha família e amigos.

Meus planos vão além de terminar a escola. Quero passar numa faculdade de programação, sair da cidade onde nasci e me mudar para uma cidade grande, por conta das oportunidades de trabalho. Lá, pretendo construir minha família.

04.

Eu tenho uma biografia

Sou brasileira, gaúcha, nascida em Bagé, mas moro em Dom Pedrito durante toda a minha vida. Minha casa também é a mesma desde que me conheço por gente.

Falando sobre gostos, eu gosto de algumas coisas bem específicas, como tomar café fora, principalmente com a Camila, minha melhor amiga de anos. Gosto do verão,

gosto de praia, gosto bastante da cor rosa. Gosto de passar o tempo com o Gui, que também foi meu melhor amigo por anos. Amo ouvir música, brincar com meu cachorro, que se chama Biscoito e adoro tudo o que envolva a área da beleza. Estou fazendo um curso de designer de sobrancelhas e extensionista e no meu tempo livre, gosto de estar com minha família e, às vezes, com a família do Gui. Também gosto de pintar.

Meu maior sonho é me formar em medicina veterinária e trabalhar com o que amo. Na minha casa, as coisas sempre foram muito simples. Moro com meus pais, minha irmã e o Biscoito.

05.

Simplesmente eu

Minha mãe tem 41 anos, e meu pai faleceu quando eu tinha 13 anos. Aos 5 anos, entrei na pré-escola e aos 10 fiz minha primeira viagem para outros estados. Aos 13, perdi meu pai, e desde então, não tive tantas memórias marcantes. Aos 14, namorei pela primeira vez. Aos 16, namorei pela segunda vez e levei uma facada, KKK...

Atualmente, pretendo fazer faculdade de administração e ciências contábeis para trabalhar em banco, mas também penso em fazer a prova da ESA. Bom, por enquanto, estou decidindo e pensando.

Minha mãe tem uma doença degenerativa e às vezes as coisas não são fáceis, minha vida é basicamente cuidar da minha mãe e vir para a escola. Às vezes é até difícil falar de mim, tantas coisas aconteceram..., mas gosto de música e o fone me faz esquecer de muita coisa.

06.

Contando sobre a minha vida

Olá! Tenho 14 anos e moro atrás do quartel. Agora vou contar um pouco sobre a minha rotina. Acordo às 7h da manhã, me arrumo e vou para o colégio às 7h30. Chegando lá, me sento quieto no meu lugar e espero a professora. Quando ela chega, copio tudo o que ela escreve no quadro. Quando a aula termina, às 11h40, espero meu irmão para irmos embora.

Chego em casa, almoço e mexo no celular. Depois, durmo um pouco e saio para jogar bola. Mais tarde, volto para casa, janto, cuido do meu irmão mais novo e, depois que ele dorme, eu também vou dormir. No outro dia, tudo acontece do mesmo jeito.

Agora vou contar um pouco sobre a minha família. Minha mãe tem 35 anos e meu pai, 58. Minha irmã mais velha, por parte de mãe, tem 18 anos. Eu tenho 14 e meu outro irmão tem 15. O mais novo tem um ano e três meses. Também tenho mais quatro irmãos por parte de pai: uma irmã com quem me dou muito bem, outra com quem não tenho muita intimidade, um irmão que é super legal e outro com quem não me dou muito bem.

Gosto muito dos meus pais e amo toda a minha família!

07.

Referência do futsal

Olá, meu nome é Gabriel Garrão. Por que Garrão? Esse apelido surgiu porque sou goleiro de futsal.

Tenho 14 anos. Meu sonho e minha meta é me tornar um goleiro profissional, surpreender minha mãe, conseguir patrocínio da Joma e da Mania Futsal, e ser uma referência, uma inspiração para a molecada.

E se Deus permitiu sonhar, Ele vai permitir realizar.

Nasci em Dom Pedrito e estudo na escola Heloísa.

Muita gente me critica, tenta me colocar pra baixo, mas não dou bola. Sigo em frente, com a cabeça erguida, lutando para realizar meu sonho.

Tenho paixão por futsal — jogo desde os quatro anos de idade.

Neste ano, fui campeão duas vezes... e que venham muitos títulos mais!

08.

Eu sendo a Édra Norr

Eu sou a Édra Norr, uma garota inteligente, fácil de se comunicar, legal, divertida, bem louquinha. A minha origem é brasileira, mesmo eu querendo ter nascido coreana — mas isso são só coisas da cabeça, né?

Bom, continuando: eu moro no Brasil, em Dom Pedrito. Gosto muito de ler, escutar música, dançar etc. Também sou bem legal, gosto de fazer novas amizades e tenho uma amizade raiz que eu nunca vou esquecer. Amo muito essa amiga e jamais vou abandoná-la.

Também tenho outra amizade raiz desde o sexto ano. Ele é bem chatinho e bem louquinho também, mas vai continuar sendo meu melhor amigo. Mesmo com nossas brigas, ele sempre está por perto e será, para sempre, o meu melhor amigo.

Este ano, criei novas amizades — todas elas louquinhas e divertidas. Bem, essa sou eu! Dá pra notar que sou bem louquinha, né? Mas isso faz parte da vida de todo mundo, não é?

Então é isso, essa sou eu. Não gosto muito de falar sobre mim, mas quando começo... não paro mais! E também gosto de todos os dias, no finalzinho da tarde, ficar na janela observando o sol se pôr depois de mais um dia a iluminar tudo ao nosso redor.

09.

Minha história

Eu tenho 14 anos e sou aluno do oitavo ano Sabedoria, na Escola Heloísa Sarmiento Lousada. Tenho 1,73 m de altura e peso 65 quilos. Sou moreno claro, tenho olhos castanhos e sou um pouco tímido.

Nasci e moro em Dom Pedrito, no Rio Grande do Sul. Moro com meus pais e tenho um irmão que é mais velho do que eu. Minha casa fica a meia quadra da escola.

Gosto de jogar videogame, jogar bola e ir ao centro nos finais de semana. Tenho uma namorada muito especial, que se chama Vanessa. Ela adora sair para comer batata frita e lanche, e eu gosto muito de “ala minuta”, refrigerante, sorvete, açaí, entre outras coisas.

Às vezes, gosto também de sair para andar de bicicleta e passear na casa dos meus avós. Adoro escutar músicas do Matuê, jogar Free Fire e ver vídeos no TikTok.

Já estou ansioso para que cheguem as férias, para poder viajar. Sempre viajamos para a praia, na cidade de São Lourenço. Lá eu ando de triciclo, de barco, jogo vôlei de areia, faço pescarias e jogo bocha com meu pai.

Tiramos o período de férias para os meus pais descansarem, pois eles trabalham em casa. Nós temos um comércio de alimentos e bebidas, onde eles passam a maior parte do tempo. Quando tenho tempo, ajudo eles, pois é dali que vem o nosso sustento — então, nós nos ajudamos.

Na minha casa, temos dois bichinhos de estimação.

Essa foi a minha história de vida.

10.

Uma semana inesquecível: minha aventura de verão na praia

Olá! Eu me chamo Bruno, moro em Dom Pedrito e adoro ler, escrever, aprender, viajar, desenhar e muito mais. Esta escrita é sobre mim e sobre uma viagem que fiz durante as férias de verão.

Gostei muito dessa experiência — foi uma das viagens que mais marcaram a minha vida, porque me diverti demais e vivi uma semana incrível. E sabe, eu já viajei bastante, para vários lugares diferentes, mas de todas as viagens que já fiz, talvez essa tenha sido a minha favorita.

Foi realmente especial passar uma semana na praia, quase todos os dias fazendo algo diferente. Foi muito divertido, e também algo que eu não costumo fazer no meu dia a dia.

11.

Minha História

*Meu nome é Liz, nasci em Dom Pedrito, no mês de fevereiro. Gosto de explorar lugares novos, conhecer coisas diferentes e adquirir conhecimentos sobre diversos assuntos. Dois dos meus jogos favoritos são *The Last of Us* e *Red Dead Redemption*.*

Tenho muito interesse por acontecimentos históricos e novas fórmulas matemáticas, e meu esporte preferido é o vôlei. Uma das coisas de que mais gosto é desenhar, jogar, ouvir música e conversar com meus amigos.

12.***Sou a Carol***

Eu me chamo Carol, tenho 13 anos, nasci no dia 12/03/2011, em Lajeado, Rio Grande do Sul, mas atualmente moro em Dom Pedrito. Sou gaúcha, torço para o Grêmio e minha cor favorita é rosa. Sou extrovertida, faço amizade bem rápido, dou risada de tudo, assim como também choro. Mudo de humor muito rápido: posso estar rindo horrores por algo e, de repente, estar triste num canto.

Adoro assistir filmes de romance, e o meu preferido é Esposa de Mentirinha. Também gosto de séries, e The Walking Dead faz meu coração acelerar de amor. Sou mais caseira, gosto de estar com a família e, mesmo quando estou sozinha, não me sinto solitária.

13.***Entre risos e valores***

Eu nasci no Rio Grande do Sul, no mês de janeiro, e cresci em um ambiente alegre e amoroso que sempre me influenciou profundamente. Cresci em uma pequena cidade do interior do estado, mas tenho muito amor por ela. Desde pequeno, fui cercado por uma família unida que sempre me apoiou e me ensinou valores como respeito e determinação. Minha infância foi simples, mas me proporcionou momentos incríveis, cheios de significado, que guardarei para sempre.

Sou uma pessoa que sempre busca se dedicar à minha família, que é a coisa mais importante que tenho neste mundo. Ao longo dos

anos, descobri que meu jeito de ser encanta muita gente, tira várias risadas, o que me deixa muito feliz. Tenho interesse pela família real britânica e sempre me informo sobre os membros e acontecimentos dessa família, além da história da origem da monarquia. Essa atividade me ajuda a conhecer mais sobre a história da Inglaterra, especialmente sua monarquia.

Além disso, também me interessa por vôlei, que é o meu esporte favorito.

14.

Liberdade em deixar ir

Oi, eu sou a Ana, tenho 14 anos e nasci em Dom Pedrito, no dia 25 de agosto. Adoro ler, ouvir música e andar de bicicleta. Essas coisas me dão uma sensação incrível de liberdade. Passar tempo com meus cachorros também é uma fonte de alegria. Implicar com meus irmãos também é divertido.

Quando passei pela crise de pânico, aprendi uma lição valiosa: deixar ir coisas que me causaram dor. Foi como abrir uma janela para uma nova realidade. Deixar ir não significa desistir, mas sim permitir que a vida siga seu fluxo.

Fico feliz em compartilhar minha experiência. Espero que as pessoas também consigam soltar o que as machuca. Além de ser uma garota de 14 anos, eu também sou bissexual, e eu deixei ir o que me machucava. Espero que você consiga. Porque deixar ir é libertador.

15.

Uma jornada de crescimento e amor

Eu, Bela, nasci para viver uma vida repleta de desafios, aprendizados e momentos inesquecíveis. Aos 15 anos, posso afirmar que minha experiência foi moldada por acontecimentos que me tornaram a pessoa que sou hoje: forte e com um coração muito bom.

Minha infância foi marcada por amor e carinho. Minha casa sempre foi um refúgio para mim, e minha família sempre me apoiou e me aplaudiu a cada passo. Minha mãe e meu pai sempre foram inspirações para mim: fortes e determinados. Eles foram minha principal referência. O amor incondicional que tem por mim me acompanha desde cedo.

Um dos momentos mais significativos da minha vida foi quando meu irmão Anthony nasceu, em 8 de dezembro de 2023. Aquela data marcou um antes e um depois na minha vida. A chegada dele me trouxe alegria, responsabilidade e um novo propósito. Aprendi a cuidar, amar e compartilhar.

A gravidez de risco da minha mãe e os desafios que enfrentamos juntos me ensinaram sobre resiliência e união familiar. Aprendi que a vida nem sempre é fácil como a gente imagina, mas com amor, apoio e união, superamos qualquer obstáculo.

Agora, aos 15 anos, olho para o futuro com fé, esperança e determinação. Quero seguir meus sonhos, estudar para conquistar o que desejo, viajar e, sempre que puder, ajudar os outros. Quero ser uma inspiração para meu irmão e minha irmã e calar a boca de muitos que duvidaram de mim.

Minha jornada até aqui foi incrível. Aprendi que a vida é um presente precioso, cheio de momentos únicos e oportunidades que

marcam nossas vidas. Sou muito grata à minha família, pelo amor, pelo carinho e pelo apoio que sempre me dão.

16.

Eu

Tenho 15 anos, 1,67 m de altura e peso 50 quilos. Gosto de comer arroz, feijão e massa parafuso

Minha mãe tem 35 anos. E eu sou servente de pedreiro. Estudo de manhã e, à tarde, às vezes, quando chego do trabalho, vou jogar futebol com meus amigos. Gosto muito de sair de casa um pouco.

17.

Minha vida

Meu nome é Luana de Lima Machado, tenho 14 anos e nasci no dia 26 de junho de 2010, em Flores da Cunha, às 4h da manhã. Moro com minha mãe e meu padrasto.

Tenho três irmãos: uma irmã mais velha, o segundo mais velho e o do meio.

Me mudei para Dom Pedrito com seis anos de idade. Eu e minha mãe viemos morar com meu padrasto, e foi a melhor coisa que fizemos. Amo meu padrasto como se fosse meu pai. Tenho um carinho muito grande por ele.

Gosto muito de escutar música e dançar, mas tenho vergonha. Às vezes, gosto de ficar sozinha, só eu, meus pensamentos e minha música, mas também gosto de estar com as pessoas que amo. Gosto de colorir de vez em quando. Gosto muito de tocar na banda da escola. Sinto uma paz quando estou tocando.

Sou uma pessoa muito agitada e muito ansiosa, como minha mãe, e também muito lerda, igual ao meu pai. Sou alegre às vezes, mas costumo me isolar. Sou muito sincera e, às vezes, grossa, mas também sou carinhosa e grudenta quando quero. Essa sou eu!

18.

Minha simples vida

Bom dia! Nasci no dia 17 de agosto de 2010.

Meu esporte favorito é o futebol. Minhas cores favoritas são preto e vermelho. Minha comida favorita é lasanha.

Gosto muito de cachorros e gatos. Tenho um irmãozinho de seis anos chamado Lucas. Moro em Dom Pedrito. Apesar de ser uma cidade pequena, eu amo minha cidade. Estudo na Escola Heloísa Louzada.

Bom, esse sou eu. Espero que tenham gostado!

19.

Hoje sou Sofia

Meu nome é Sofia de Vargas Alves, tenho 13 anos e nasci no dia 1º de março de 2011, em Dom Pedrito.

Moro com minha mãe e minha irmã mais nova de três anos.

Gosto de cantar desde pequena. Já gostei muito de desenhar e dançar, mas hoje em dia não faço com tanta frequência.

Minhas cores favoritas são roxo, preto, branco e azul escuro. Minha comida favorita é estrogonofe.

Quando eu tinha dois anos, fui morar em Caxias do Sul com minha mãe e minha irmã mais velha. Gostava muito de lá, principalmente das praticinhas e da minha professora do pré-A,

Aos quatro anos, voltei para Dom Pedrito. Minha nova casa era em frente à casa da minha falecida avó, e hoje é a casa da minha irmã, seu marido e meu sobrinho.

Minha avó faleceu cinco dias antes do meu aniversário de cinco anos. Não tenho muitas lembranças dela, mas, segundo meus familiares, sou muito parecida com ela e com meu pai: olhos, jeito de andar, decisões e modo de agir.

Não tenho muitas características dos parentes por parte de mãe, hoje em dia, mas, quando pequena, era muito parecida com a minha mãe e minha tia. Essa sou eu!

20.

A Little About Me

Tenho 13 anos e nasci no dia 9 de março de 2011. Moro com meus pais e irmãos. Gosto de escrever, de Língua Portuguesa, e de séries e filmes de terror e fantasia.

Gosto muito de gatos — inclusive, tenho dois: um com pelos pretos, chamado Pantera Negra, e outro com pelos brancos, chamada Guria.

Adoro passear com pessoas de quem gosto, como minha família e meus amigos. Também moro em Dom Pedrito, minha cidade de origem.

Em casa, encontro conforto e alegria com meus dois gatos, que são meus companheiros fiéis. Eles me fazem rir e relaxar.

O que mais importa para mim é minha família e meus amigos. Adoro passar tempo com eles e criar memórias que levarei para sempre. A diversão e o amor são fundamentais para mim.

Sou assim: um pouco estressado, mas muito carinhoso. Um jovem cheio de sonhos, com paixão pela vida e desejo de explorar o mundo. Estou ansioso para ver o que o futuro me reserva!

21.

Nicolas de Freitas - Autobiografia

Oi, meu nome é Nicolas de Freitas, tenho 14 anos e nasci em Santa Catarina. Cresci em um bairro meio movimentado na zona leste, mas tive que me mudar para o Rio Grande do Sul por causa da faculdade do meu pai, para uma cidade pequena chamada Dom

Pedrito, onde as faculdades eram mais baratas do que em Santa Catarina.

Fiz alguns amigos nos últimos anos por aqui e tenho levado uma vida simples no ensino fundamental.

Ultimamente, tenho gostado mais de animais e de ouvir música — virou meio que um hobby para mim.

Tenho também um irmão mais novo. Ele tem três anos de idade e é autista, mas eu amo ele mesmo assim.

22.

Rayzinha

Eu sou a Rayssa, mas prefiro que me chamem de Ric.

Na minha opinião, sou respeitosa, gentil, educada, gente boa, bonita, um pouco chata (mas isso é só às vezes), alegre e divertida.

Gosto bastante de dormir e comer.

Vou confessar que não gosto muito do lugar onde moro, porque é longe de tudo... mas tudo bem, né?

Não sei exatamente de qual origem sou, mas gosto de imaginar às vezes.

23.

Minha vida por Edson

Eu sou o Edson, tenho 14 anos.

Quando eu tinha três anos, ia para a campanha com meu primo nas férias.

Com sete anos, ganhei uma bicicleta e levei para a campanha, junto com meu primo, que também tinha uma. A gente passava o verão todo lá, com meus avós, e brincávamos de tudo.

Aí, um dia, comprei um revólver de espoleta. Meu avô estava no galpão tomando chimarrão, eu mirei nele e apertei o gatilho. Ele se assustou, jogou a cuia para longe, e eu saí correndo pro meio do campo! O vó ficou bravo comigo. Foi engraçado na hora, depois, fiquei de castigo.

Eu gosto muito de escavadeiras e, hoje, trabalho com meu pai.

Meus avós vieram da campanha, e agora meu pai está lá. Nos finais de semana, eu e minha mãe vamos para a campanha também. Ainda hoje me divirto muito lá.

24.

Meus Gostos

Sou Lulu Silva da Silva, tenho 14 anos e moro com meus avós.

Gosto de jogar bola e também de jogos eletrônicos.

Meus pais são separados. Tenho dois irmãos por parte de mãe e dois por parte de pai.

Mas como ia falando, gosto de assistir animes, futebol e filmes.

Tenho muitos amigos e amigas.

Meu tio é flamenguista, e eu gosto de laçar e andar a cavalo.

25.

Quem sou eu?

Meu nome é Gelson, tenho 20 anos. Nasci no dia 20 de outubro de 2008, numa terça-feira.

Meu signo é libra. Moro no bairro Getúlio Vargas e estudo na escola Heloísa Louzada.

Gosto de jogar no PlayStation 4, andar de bicicleta e jogar bola.

Quando eu crescer, quero ser policial ou youtuber. Ainda estou decidindo.

Gosto de ajudar os outros no que for preciso.

Gosto muito de cachorro e gato — tenho dois cachorros e quatro gatos, além de uma cocota.

Adoro passear com meus cachorros, ir à academia, escutar música enquanto jogo e treinar futebol.

Também gosto de subir em árvores e muros, e vou à igreja todos os dias.

Gosto de lutar e de proteger quem eu amo.

Quero ser cada vez melhor nos jogos de PlayStation e também no futebol!

26.

A Linezinha

Eu sou uma menina super tranquila e muito educada.

Sou brasileira, nascida em Dom Pedrito, no Rio Grande do Sul.

Adoro músicas calmas e também sobremesas antigas, daquelas que os meus avós sabem fazer como ninguém.

Gosto muito de passear com meus cachorros e ir à praça tomar chimarrão.

Quem sou eu?

Sou uma menina curiosa, com uma história linda para construir pela frente — claro, com empatia e muito amor no coração.

Ah, quase esqueci! Tenho três cachorros e alguns passarinhos que eu amo muito.

27.

Minha vida, meus sonhos, meu caminho

Nasci no dia 28 de maio de 2010 e moro em Dom Pedrito.

Sou uma pessoa tímida, criativa e quieta. Sempre prefiro observar e refletir antes de agir.

Desde pequena descobri que o silêncio e a tranquilidade são parte essencial de quem sou, e eles me ajudam a me conectar com as coisas que eu amo fazer.

No meu tempo livre, uma das minhas maiores paixões é a leitura.

Tenho um carinho especial pelos livros de Júlio Verne, como Cinco Semanas em um Balão e Viagem ao Centro da Terra.

Essas histórias me transportam para aventuras incríveis e estimulam minha imaginação.

Meu maior objetivo é me tornar agrônoma, uma profissão que admiro muito.

Minha história ainda está sendo escrita e a cada dia tento ser melhor, aprendendo e crescendo com tudo ao meu redor.

Sou grata pelas experiências que tive até aqui e pelos sonhos que me movem em direção ao futuro.

28.

Sou Vini Malvadeza

Me chamo Vini Malvadeza Silva da Silva, tenho 15 anos e moro com meus pais.

Gosto de jogar futebol com meus amigos e de jogar PlayStation na casa de um colega.

Nas horas vagas, também jogamos FIFA Mobile. Nos finais de semana, costumo ir ao centro andar de bicicleta com outro colega.

Às vezes vou à casa de meu amigo jogar sinuca. De vez em quando, vamos à pizzaria, mas só de vez em quando.

Hoje posso dizer que tenho melhores amigos.

29.

Charlotte Lacxer

Me chamo Charlotte Lacxer e tenho 14 anos.

Meus cabelos são castanho-claros e meus olhos, castanho-escuros, quase negros.

Moro em Dom Pedrito, no Rio Grande do Sul, e gosto bastante de viver aqui.

Também gosto de ficar com minha família, jogar tênis, golfe, praticar natação, andar a cavalo, correr, jogar vôlei, estudar, desenhar, escrever, assistir a filmes e séries e ler.

Meu filme favorito é Harry Potter e meu diretor preferido é Tim Burton. Também adoro comer macarrão e açaí.

Minha sensação preferida é viver um dia chuvoso e escuro, estar em família e assistir a um filme que eu não via há muito tempo.

Todo ano carrego o banner da minha escola no desfile de 7 de setembro, e gosto muito disso, pois tenho orgulho de onde estudo.

Sou uma pessoa tranquila, no meu canto, mas gosto de conversar e me divertir.

30.

Minha Autobiografia

Sou natural de Dom Pedrito e tenho 14 anos.

Nasci com 3,575 kg no Hospital São Luiz, na minha cidade natal.

Desde muito cedo, aprendi a lidar com a perda de pessoas importantes. Não tenho pai, pois fui adotado. Isso raramente me

incomodou ao longo da vida, exceto quando era mais jovem, pois via outras crianças com seus pais e sentia essa ausência.

Essa diferença me afetou por um tempo, mas, como a maioria das pessoas, aprendi a superar.

Essa é minha breve autobiografia.

31.

Hoje sou Fred

Meu nome é Fred, nasci no dia 31 de agosto de 2010, em Dom Pedrito.

Desde pequeno, o futebol foi mais do que um esporte para mim — foi uma paixão, um estilo de vida.

Cresci jogando futebol de rua com os meus amigos. Meu ídolo é Lionel Messi, e meu pai, sempre me leva para assistir a jogos ao vivo, alimentando ainda mais o meu sonho.

Estudo na Escola Heloísa Louzada e jogo na equipe da escola, onde o professor sempre incentiva a minha paixão pelo esporte.

Comecei a jogar competitivamente aos 12 anos, no time Os Parças, com o qual conquistei títulos locais e regionais.

Minha família é a minha maior torcida, e meus amigos são os companheiros de jornada.

32.

Um Pouco Sobre Mim

Meu nome é Lorena Silveira Fernandes. Nasci no dia 3 de agosto de 2010 e tenho 14 anos. Moro em Dom Pedrito, no Rio Grande do Sul.

Tenho cabelos castanho-escuros e olhos castanhos.

Sou uma pessoa que gosta muito de aprender coisas novas e me dedico bastante aos estudos da escola e também ao curso de inglês.

Sonho em viajar, conhecer novas culturas e explorar outros países.

Gosto muito de vôlei, pois considero um esporte bonito e que exige determinação.

Estou disposta a enfrentar todos os desafios que estão por vir. Sei que não serão poucos, mas sempre vou seguir com a cabeça erguida, lutando para conquistar o que desejo.

Desistir nunca será uma opção para mim.

*Aqui as palavras não terminam – apenas descansam,
aguardando quem as
reencontre com novos olhares.*